

A transmissão da Vida do Doutor Gregório de Mattos, de Manuel Pereira Rabelo, no quadro do acervo dos manuscritos gregorianos

Silvia La Regina
UFBA

In: *X Congresso Internacional da ABRALIC, 2006*, Rio de Janeiro. Congresso Internacional da ABRALIC. 10. Rio de Janeiro, 2006. CD-ROM.

1. A VIDA

Hoje em dia sabe-se muito sobre Gregório de Mattos: conhecemos documentos históricos sobre a vida do poeta (PERES, 1983), e numerosos códices nos trazem o *corpus* a ele atribuída, que conheceu, como a do Camões lírico, “um processo incessante de dilatação” (SPAGGIARI, 1992, p.27) e encontra-se espalhado em 25 códices do XVIII século em 39 volumes, todos apógrafos (cf. LA REGINA, 2000, p. 33-53; PERES, 1971a, p. 105-114; MANFIO, 2000, p. 35-44; TOPA, 2001)¹.

Nada se sabe, porém, a respeito do biógrafo do poeta, Manuel Pereira Rabelo, autor de uma *Vida do doutor Gregório de Mattos Guerra*, escrita em meados do século XVIII – o que é singular, porque sua obra ajudou a garantir ao poeta uma fama que talvez a ausência de informações biográficas (ainda que fantasiosas) deixasse esvair no grupo sem nome e rosto dos autores a ele contemporâneos; mas Rabelo para nós constitui um mistério, e é curioso como ele (*soi disant*, no título de algumas versões da biografia, “licenciado”) seja lembrado só em relação ao seu biografado, e nunca como autor em si, até mesmo nas histórias literárias².

A *Vida do doutor Gregório de Mattos Guerra* durante muito tempo foi único “documento” sobre a biografia do poeta; sobre os dados nela fornecidos os estudiosos construíram suas interpretações da vida e juntamente da obra do poeta, freqüentemente enxergada, à moda romântica, como reflexo e expressão da própria vida. O texto era, porém, uma obra apologética, construída sobre *topoi* segundo precisos cânones retóricos e profundamente perpassada pela alegoria (vide HANSEN, 1989, 23 e *passim*). Assim, uma biografia romanceada que resumia virtudes, vícios, intenções e retórica de uma época numa perspectiva barroca de oposições dualísticas, foi lida como vida real.

¹ Um quadro de resumo dos códices gregorianos encontra-se em PERES, LA REGINA, 2000.

² Para uma exposição detalhada relativa à pesquisa sobre a identidade, a nacionalidade e a existência de Rabelo, remeto à minha tese de doutorado, defendida em 2003 no Instituto de Letras da UFBA; adianto que não se tem informação alguma sobre Rabelo, do qual sequer se sabe se foi português ou brasileiro. *En passant*, cito

Os críticos e pesquisadores de Gregório tiveram que se confrontar com a imagem fantástica, o *exemplum* que carregava o nome de Gregório na *Vida*; enquanto a reputação da *Vida*, considerada fidedigna por ser relativamente próxima da época de Gregório, crescia, a figura do poeta nela retratado ganhava traços e cores cada vez mais reais, que pareciam imprescindíveis para quem quisesse dar uma interpretação adequada da obra, cujo estudo acabava assim sendo também condicionado e deformado. A obra era lida como fonte e confirmação de notícias biográficas, num processo pelo qual a vida era reinventada à luz da obra e a obra era lida à luz da vida (vide STEGAGNO PICCHIO, 1980, p.44-45).

Na atualidade Gregório goza, não só na Bahia, como em todo o Brasil, de uma fortuna que mais uma vez chega a extrapolar o aspecto literário, e faz dele um precursor de quase todos os fenômenos e movimentos, incluindo o tropicalismo (nisso fantasiando o escritor de *pré-caetano*). A consequência desta reavaliação tão positiva da obra atribuída a Gregório de Mattos foi, ao invés, negativa para a biografia escrita por Rabelo, que, perdida a tão equivocada função documental, foi esquecida.

2 O TEXTO E OS CÓDICES

2.1 OS CÓDICES

Até o presente momento, são conhecidos oito diferentes códices manuscritos que transcrevem a *Vida*, sempre anteposta às obras atribuídas a Gregório de Mattos. Destes códices, apresentados a seguir, sete são do século XVIII e um do século XIX (o BNRJ 50,57, *descriptus* de MC).

- **Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (BNRJ) 50,56** (*Vida, e morte do Doutor Gregorio de Mattos Guerra*) 57 páginas.
- **BNRJ50,57** (*Vida do doutor Gregorio de Mattos Guerra*). 42 páginas.
- **BNRJ50,59** (*Vida do grande poeta americano Gregorio de Mattos e Guerra*). 79 páginas.
- **Biblioteca da UFRJ Asensio-Cunha 1 (AC1)** (*Vida do excelente poeta lirico, o doutor Gregorio de Matos Guerra*). 77 páginas.
- **Biblioteca do Itamaraty L 15-2a** (*Vida, e morte do Doutor Gregório de Matos Guerra Escripta Pello Lecenciado M.el Pereyra Rabelo E mais apurada depois por outro Engenho*). 141 páginas.
- **Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora 303 (Manizola)** (*Vida do Excellente poeta lyrico o Doutor Gregorio de Mattos Guerra*) 44 folhas = 87 páginas.

- **Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora 587 (Manizola)** (*Vida, e morte do Doutor Gregorio de Matos Guerra Escrita Pelo Lecenciado Manoel Pereira Rabelo*). 58 páginas.
- **MC** (*Vida Do Doutor Gregorio de Mattos Guerra*) (inédito e conservado numa biblioteca particular em Salvador). 62 páginas.

Duas destas versões da *Vida* nunca foram relatadas antes de hoje: a do códice MC, completamente inédito, e a do códice 303 de Évora; esta última não foi citada por nenhum dos estudos consultados, apesar de o códice já ser conhecido.

2.2 DATAÇÃO

O *terminus post quem* da *Vida* é, na minha avaliação, 1717, data de redação de um manuscrito que contém poemas do autor português Tomás Pinto Brandão (1664-1743)³; isto porque Rabelo cita um trecho da *Vida e Morte de Tomás Pinto Brandão, escrita por ele mesmo semivivo*, no qual o poeta se refere à sua viagem rumo ao Brasil em companhia de Gregório:

[...] afirmarêy que o Doutor Gregorio de Mattos cahô da graça do Soberano a persuasão de algum prejudicado em suas satyras [...]. Thomas Pinto Brandaõ em hum resumo, que fas da sua mesma vida dîz, que viêra ao Brazil na companhia delle, que se retirava descontente de lhe negarem aquillo mesmo, com que rogavaõ a outroz, e isto por ser Poeta, e Jurista famoso.
Procurei hirme chegando
a hum Bacharel mazombo,
que estava para a Bahia
despachado, e desgostozo.
De lhe não darem aquillo,
com que rogavaõ a outros,
pello crime de Poêta,
sobre Jurista famoso.
(MC. p. xv).

A citação de Rabelo não alcança o ano do *despacho*, nem o nome de Gregório, que consta no trecho de Pinto Brandão; na edição da *Vida e Morte ...* impressa em 1779, o texto apresenta algumas variantes:

Busquei a sociedade
De um tal bacharel Mazombo,
Que estava para a Baía
Despachado e desgostoso
De lhe não darem aquilo

Com que rogavam a outros,
 Pelo crime de Poeta,
 Sobre jurista famoso.
 Era Gregório de matos,
 Que também lhe foi forçoso
 Fugir do Norte às correntes
 E buscar do Sul os Golfos.
 Seriam mil e seiscentos
 E oitenta e hum, quando fomos
 Desta Barra do Bugio
 Buscar aquela dos monos (BRANDÃO, 1976, p.29)⁴

No manuscrito da Biblioteca Nacional de Lisboa BNL8589 aparece o mesmo trecho, com uma variante inédita;⁵ o manuscrito é de 1776, copiado, porém, de um manuscrito de 1717, e nas duas folhas de rosto se lê: “Obras poéticas / Das que deixou manuscriptas / Thomaz Pinto Brandão / Divididas em quatro tomos / [...] 1º tomo [...] / por Antonio Correia Vianna / Lisboa 1776” e “Verdades Pobres / Ditas em / Portugal, e nos Algarves, daquem, e dalem, / America, Africa, e Ethiopia A / 1ª parte / offerecida / a Magestade de El Rey / Dom João – o 5º / Novo Senhor / / Descriptas pelo m^{to} pobre, e m^{to} verdadeiro / Thomaz Pinto Brandão / Lisboa Occidental, Anno de 1717”.

Evidentemente, Rabelo deve ter tido acesso a um manuscrito da *Vida e Morte...* de Pinto Brandão, cuja publicação só ocorreu em 1781, na *Miscelânea Curiosa e proveitosa ou compilação tirada das melhores obras das nações estrangeiras: traduzida e ordenada por C.I.*, em sete tomos⁶. Fiquemos portanto com a data de 1717.

Outra data é 1740: “Não poderá negar-me a razam que choro, quem sabe, que no anno de 1740 /**XLV**/ mandou o Provincial de S.Francizco conduzir do Porto huma chusma de pobretoenz em desprezo dos pacientissimos Naturaes da Terra [...]” (MC, p.xliv-xlv).

A este respeito, há duas versões distintas entre as variantes da *Vida*: os códices MC e seu *descriptus* BNRJ50,57, AC1, Évora 303 citam a data de 1740. BNRJ 50,56, BNRJ 50,59, L 15-2a e Évora 587, não.

Nem todos os códices que não citam a data são mais antigos, ainda que saibamos que houve alterações sucessivas à redação de Rabelo, como pode ser confirmado pelo título da biografia contida em L 15-2a: *Vida, e morte do Doutor Gregório de Matos Guerra Escripta Pello Lecenciado M.el Pereyra Rabelo E mais apurada depois por outro Engenho*.

Enfim, considerando que o códice de Évora BPE587 tem a data de 1765, podemos situar a composição da *Vida* de Rabelo entre 1717 e 1765.

³ Sobre este autor (personagem no *Memorial do Convento*, de Saramago), cuja obra mais conhecida é o *Pinto Renascido*, cf. PALMA-FERREIRA, 1976. Palma-Ferreira, porém, não consultou os manuscritos de Pinto Brandão, que não relaciona, mas somente as edições impressas. Ver também PERES, 1971b.

⁴ Sobre a *Vida e morte...* de Pinto Brandão, ver também PERES, 1982.

⁵ “[...] De lhe não darem aquilo / Com que rogavam a outros / Por ser galante Poeta / Sobre Jurista famoso. / Era Gregorio de Mattos [...]” (/337/).

⁶ Inocêncio relata a publicação no VI volume do seu *Dicionário*, na p.254. A *Vida e Morte* foi publicada no III volume da *Miscelânea*, nas págs. 240-278. Encontrei ambas as informações *apud* Palma-Ferreira, 1976, p.8.

2.3 A VIDA E OS CÓDICES

A presença ou a ausência da *Vida* de Rabelo é de grande importância para ajudar a estabelecer uma datação quanto mais exata possível do manuscrito apógrafo que a contém. Um código que contenha a *Vida*, pelas observações feitas acima, não poderia ser anterior ao ano de 1717, e deveria ser posterior ao ano de 1740, citado no texto (só que, como vimos, não por todos os testemunhos). Em geral, a presença da *Vida* caracteriza um código mais bem cuidado do que os demais, com grafia muito clara, escrito com a aparente intenção de ser completo – uma espécie de *opera omnia* do poeta.

Sabemos que as coletâneas de poemas gregorianos possivelmente completas, ou visando ser, eram em quatro volumes. Dispomos de três exemplos destas coletâneas:

- O código L 15-2 da Biblioteca do Itamaraty. São quatro volumes que incluem a *Vida* de Rabelo e o texto poético numa grafia clara e correta, e a matéria dividida por gêneros de forma ordenada. Varnhagen usou este código para o seu *Florilégio* e Afrânio Peixoto consultou-o para a edição da ABL.
- O código AC, transcrito por James Amado em sua edição de 1968; o manuscrito tem uma divisão em gêneros menos rigorosa do que o anterior.
- O grupo formado por MC, BNRJ50,61, TT-45 e TT-46, que tem a característica de ter sido copiado na Bahia (*As obras poéticas do D^{or} Gregorio de Mattos Guerra Divididas em 4 tomos [...] Bahia anno de 1775*).

Portanto, todas as coletâneas em quatro volumes que conhecemos foram compiladas após 1740 (nas três versões da *Vida* é citada a data, que em AC consta como 1743); a iniciativa de juntar os poemas de Gregório pode realmente ter sido de Rabelo, como acredita James Amado (mesmo que nada indique que o código AC realmente tenha sido redigido materialmente por Rabelo: AMADO, 1991, I, p.1279), considerando que todas estas coletâneas iniciam com a *Vida* e que nela em geral o autor se refere ao texto que ele organizou. A disposição da matéria não é a mesma nos três códigos, o que torna plausível uma ou mais intervenções sucessivas à primeira organização dos textos. Estas intervenções devem ter acontecido num lapso de tempo relativamente curto, entre 1740 e 1775, data na qual foi redigido o grupo que começa com MC.

Além disso, temos que levar em conta os demais códigos setecentistas em mais de um volume nos quais aparece a *Vida*: BNRJ50,56 e BNRJ50,57a; BNRJ50,59 e BNRJ50,59a. No caso destes códigos, não temos nenhuma indicação específica quanto à presença de outros volumes, e os poemas e sua ordenação divergem.

Na versão da *Vida* redigida pouco antes de MC, no código de Évora (BPE587), na página 59 do código lê-se “Obras Deste Primeiro tomo Sacras Do Doutor Gregorio de Mattos e Guerra a varios assumptos em que louva a Deos, e a seus santos, como se verá. Anno de 1765”.

Não há muitas diferenças extremamente significativas entre as diversas versões, mas as que existem opõem MC aos demais códigos. Em quase todos se diz que Gregório nasceu em 1633; MC dá o ano de 1623. Deve ser observado, porém, que todos os códigos escrevem, com leves diferenças, que “Morreu finalmente no anno de 1696 com idade de 73 annos”, o que estaria correto caso a data de nascimento tivesse realmente sido a de 1623.

Só MC reporta a notícia da publicação de sentenças de Gregório na obra de Pegas, publicação que de fato aconteceu em 1682 (cf. PERES, 1983, p.63 e 72); unicamente MC não reporta o extenso trecho, contido nas demais versões, sobre Pedro e Eusébio, irmãos de Gregório.

2.4 EDIÇÕES DA VIDA

Assim como a obra do poeta por ela biografado, a *Vida* também correu manuscrita durante muitos anos, até 1841, quando Januário da Cunha Barbosa, responsável em 1831 pela primeira publicação de poemas atribuídos a Gregório (BARBOSA, 1829/31, II, p.53-61: oito poemas e algumas indicações biográficas), publicou também excertos do texto de Rabelo (BARBOSA, 1841, p.333-337). A edição completa da obra só houve em 1881, na edição de Alfredo Valle Cabral, e até hoje a *Vida* foi publicada em 6 versões:

- *Vida do dr. Gregório de Matos Guerra*. Ed. Valle Cabral. Rio de Janeiro: Tip. Nacional, 1881. 37 páginas [BNRJ 50,57];
- Vida do Dr.Gregório de Mattos Guerra, in Matos, 1882, p.3-37 (reedição da anterior) [BNRJ 50,57]
- Vida e morte do Doutor Gregório de Mattos Guerra, escrita pelo Licenceado Manuel Pereira Rabelo, e mais apurada depois por outro engenho in Matos, 1923-1933, I, 1929, p.39-90 [BI L 15-2a]
- Vida do Grande Poeta Americano Gregório de Mattos Guerra, *ibidem*, VI, 1933, p.59-95 [BNRJ 50,59]
- Vida do excelente poeta lírico, o doutor Gregório de Matos e Guerra, in Matos, 1968, VII, p. 1689-1721, e novamente na segunda edição, Matos, 1990, II, 1251-1270 [AC1]
- Vida do Doutor Gregório de Mattos Guerra Escrita pelo Licenciado Manoel Pereira Rabello. Publicada por ESPÍNOLA, 2000. p.349-379. [BNRJ50,56]

Excetuando-se as duas primeiras, nas quais o texto é idêntico, cada uma destas versões corresponde a um diferente códice manuscrito: a saber, três da Biblioteca Nacional do Rio, um da Biblioteca do Itamaraty e um dos que pertenciam a Celso Cunha e agora estão conservados na Biblioteca da UFRJ.

3 A OBRA

3.1 DADOS, FATOS

O simples fato de a *Vida* aparecer em sete diferentes códices setecentistas testemunha uma boa difusão da obra, que, como escreveu José Veríssimo, foi a única do gênero dedicada a um autor colonial (VERISSIMO, 1981, p.88).

Nas páginas manuscritas da *Vida* Rabelo esboça um retrato de Gregório que é grande devedor dos cânones retóricos e dos *topoi* da época. O licenciado expõe poucos fatos concretos: o nascimento, a origem dos pais, os estudos em Coimbra, a atividade como Juiz do Crime e Juiz dos Órfãos, a sentença publicada na obra de Pegas, a volta para o Brasil, o cargo de Vigário

Geral, o recebimento das ordens menores, o casamento com Maria dos Povos, o desterro para Angola, a volta para o Brasil, em Pernambuco, a morte; no total só quatro datas são citadas. Em compensação, aparecem muitos personagens, dos quais numerosos são verificáveis historicamente, como alguns parentes do poeta, o desembargador Belchior da Cunha Brochado, arcebispos, governadores. Vários trechos sugerem que Rabelo não conheceu Gregório.

3.2 A CONSTRUÇÃO MÍTICA DE GREGÓRIO

Os fatos concretos narrados são poucos, e em geral são narradas anedotas suspensas numa genérica atemporalidade, visando exaltar as mais variadas virtudes do poeta, ao qual porém se reconhecem também certos vícios, ainda que não gravíssimos. Como de praxe nas apologias, o autor declara que ele escreve para defender o poeta das calúnias e do esquecimento no qual ele caiu, pelo qual recrimina contra Rocha Pitta, que poucos anos antes, em 1730, escrevera sua *História da América Portuguesa* sem nunca citar Gregório: “hê em vaõ buscallo em Pitta Autor moderno” (MC, p.lvii): referência, aliás, que não aparece nas demais versões, nem em BPE303, que tem a data de 1765.

As anedotas presentes no texto são por vezes reelaboraões de *topoi* tradicionais, como a falta de dinheiro e consequentemente de pão, a fuga e a volta da mulher, a “excandaloza virtude” (MC, p.xix-xx), o arrependimento na hora da morte, na base da antítese e dicotomia tão barroca virtude-vício.

Retomando a análise aplicada por Luciana Stegagno Picchio em relação à figura, mais do que à obra, de Camões, se no caso de Portugal Camões representa o centro de uma estrutura mítica que sustenta a auto-representação da nação como um todo, e um elemento de irradiação de mitos outros “in un movimento alternativamente centrífugo e centripeto” (STEGAGNO PICCHIO, 2001, p.497), no caso do Gregório de Rabelo podemos individuar um mito que, além de inserir o texto e suas referências num quadro de tradição, também concorre a criar uma tradição própria, viva e vital apesar de reduzida ao relativo silêncio da transmissão manuscrita. Neste aspecto o termo *mito* (BARTHES, 1974) substitui eficazmente o de *topos* porque, se *topos* representa a inserção na tradição, mito por sua vez indica a criação de uma linguagem autônoma, ainda que fruto da tradição: tradição que funda, além de seguir.

No texto de Rabelo, o mito da pobreza, quase atemporal de tão antigo, não só é presente como recorre em vários momentos (p.ex. “Era a Espoza hum pouco impasciente, talvêz pelo pouco pam, que via em casa, e tambem pelo destrahimento de seo Marido”, MC, xxxii) e, como freqüentemente acontece, se junta ao da liberalidade excessiva e da falta de cuidado com o dinheiro, pela qual é causado.

Outro mito, cuja origem remonta pelo menos a Ovídio, é o do desterro em terra estrangeira, curiosamente tripartido: o desterro de Portugal de volta para o Brasil (“despachado e desgostoso”, diz Tomás Pinto Brandão, e repete Rabelo); o desterro para Angola; o desterro de volta ao Brasil, para o Recife. A este último é associado o mito da morte longe da pátria: Gregório morre no Recife, portanto no Brasil, mas ainda assim longe da Bahia. “Dizia elle, que com razaõ sobrada podia articular o non possidebiz ossa mea de Scipiam” (MC, xliii).

A este respeito é interessante notar como entre a produção em latim dos membros da Academia Brasílica dos Esquecidos, portanto composta em 1724, apareçam nove poemas dedicados a Cipião, infelizmente sem indicação de autoria, entre os quais “De exule Scipione”, “De exílio Scipionis”, “Scipio Africanus, inuidiam fugens, exilium petit”.

Enfim, o mito do poeta que morre quase miserável na pátria ingrata, ou afastado da pátria ingrata, que o rejeita: “Porem a Bahia doz muitos habitos de desprezar seos naturaes, fez natureza para aborrecellos, e perseguillos” (MC, xliii).

3.3 GREGÓRIO E RABELO COMO METÁFORA

Rabelo criou uma figura mítica, a de Gregório, que, talvez sem a força de um Peri ou de uma Gabriela, certamente contribui para compor o imaginário nacional. Seria interessante poder estabelecer quanto há, se houver, de “brasileiro” na *Vida* de Rabelo. Considerando que Gregório foi freqüentemente, e por muito tempo, imaginado e retratado como um proto-modelo de nativista anticolonialista, antiescravagista e antiimperialista, e que pelo menos parcialmente a fonte reside em sua biografia (mais ainda nas didascálias que acompanham os poemas), Rabelo seria responsável por esta ficção que encontra ecos em Sílvia Romero (Gregório foi “o genuíno iniciador de nossa poesia lírica e nossa intuição étnica”- ROMERO, 1953, II, p.423) ou Euclides da Cunha, quando escreveu que em Gregório se prefiguram “muitos aspectos de um povo” (CUNHA, 1966, II, p.626). Certamente a construção da identidade nacional brasileira passa também por uma re-apropriação da figura de Gregório, tal como nos foi transmitida por Rabelo e nas múltiplas leituras feitas em seguida. Ao mesmo tempo, Gregório e seu biógrafo-ficcionista, sua existência literária e talvez física, podem ser lidos eles próprios como metáfora da identidade nacional no passado: dispersa, fantasiosa, mítica, flutuante, incorpórea, indefinida, imaterial.

De qualquer forma o Gregório de Rabelo é um personagem que guarda muito pouco da sua substância real; neste aspecto podemos considerar a *Vida* como um pequeno romance biográfico, um entre-lugar biográfico-ficcional talvez menos ingênuo de quanto inicialmente pareça.

4 VIDAS, TEXTOS: GREGÓRIO E PINTO BRANDÃO

4.1 CIRCULAÇÃO, CONTAMINAÇÃO: O COPISTA E O AUTOR

O conceito de original é algo imaterial e quase envolto numa áurea mítica e fabulosa; não é por acaso que Paul Maas para a tentativa de reconstrução do original sugere a *divinatio* (MAAS, 1980, p.1). No caso de Rabelo, e principalmente de Gregório, a arte da divinação parece indispensável: a tradição imbricou-se tão indissolúvelmente que, quando muito, é possível unicamente estabelecer algumas famílias de códices, sendo que a própria forma de composição dos manuscritos, por vezes até física (no sentido da justaposição de cadernos/folhetos soltos, como no caso do BNRJ50,60 – cf. DAMASCENO, 1985, p.11), impossibilita a reconstrução de uma genealogia clara e unívoca à moda de Lachmann.

Hereticamente, talvez, gostaria agora de sustentar a argumentação de que esta situação textual caótica possivelmente não seja tão grave. Há alguns anos, escrevi um pequeno e queixoso artigo sobre a premente necessidade de organizar a edição crítica de Gregório (cf. LA REGINA, 1999), mas na atualidade a inexistência de uma edição crítica da “obra dita gregoriana” e a incerteza quanto à atribuição, a volatilidade e insubstancialidade dos textos parecem-me falsas questões, e passei a acreditar na prática de publicar os vários códices como vozes independentes a compor um coro de saborosa polifonia.

No que diz respeito à *Vida* de Rabelo a questão, por um lado, assume uma feição diferente, por ser um texto em prosa transmitido por escrito, aparentemente sem interferências orais, sem variantes muito significativas e com uma razoável homogeneidade entre os sete manuscritos do XVIII século que possuímos; pelo outro, se é verdade que houve uma menor dispersão textual, ao mesmo tempo a própria essência da obra manuscrita – e ainda por cima tardia como a *Vida*, que deve ter começado a circular por volta de 1720 e ainda recebeu retoques e modificações por volta de 1750 – induz a repensar o *status* da edição crítica, sua necessidade de ser e sua justificação neste contexto. Dois fatores e principalmente duas linhas de pensamento me levam a esta afirmação: a problemática ligada a uma nova consideração do papel do copista na transmissão textual manuscrita (cf. CANFORA, 2002, *passim*) e a problemática ligada à consideração da questão da autoria como, substancialmente, superada, pelo menos no que diz respeito a textos anteriores à Ilustração.

4.1.1 O copista

Os problemas ligados à transmissão dos textos manuscritos na era moderna são contemporaneamente mais simples e mais complexos dos que aqueles ligados aos textos clássicos e medievais. Mais simples porque, obviamente, não só intercorreu menos tempo entre a redação física do testemunho e o nosso presente, e portanto houve menor perigo ou realidade de danos concretos ao manuscrito – que de uma forma geral resultará mais legível do que um exemplar muito mais antigo – como também, normalmente, menos redações se interpuseram entre o texto efetivamente redigido pelo autor e nós. O trabalho de cópia na antiguidade clássica e medieval era realizado num desconforto e em condições tão adversas e iníquas que é de se admirar que algum texto tenha chegado até nós (cf. DAIN in Stussi, 1985). As questões básicas relativas ao ato da cópia, porém, permanecem parecidas mesmo em tempos mais recentes.

Problemas mais complexos, dizia-se acima, porque

Dada la peculiaridad de la creación poética de aquel tiempo [siglos XVI y XVII], la copia podía efectuarse en circunstancias y con medios muy variados y, en general, llevada a cabo por copistas no profesionales. [...] Las copias están hechas no tanto para conservar un texto como para gozar de él, usarlo, leerlo. Al no tratarse siempre de amanuenses profesionales, el copista ocasional puede prestar poca atención al modelo, o, al contrario, demasiada atención [...] (BLECUA, 1983, p.207).

Enfim, o respeito para com o texto, nos séculos mais recentes, e dependendo do gênero tratado, pode ser especialmente reduzido. De fato, nos séculos XVII e XVIII – pelo menos até a chegada da Ilustração – os textos literários manuscritos, logo que compostos, eram imediatamente incorporados a uma espécie de patrimônio comum (BLECUA, 1983, p.210), cabedal de uma sociedade que os considerava não intangíveis e sagrados, mas pelo contrário modificáveis e manipuláveis singular e coletivamente.

Deve-se prestar atenção aos mecanismos do ato da cópia, relativamente constantes até os dias de hoje, quando se transcreve algo manualmente. As quatro etapas da redação material de um texto manuscrito (cf. DAIN, in Stussi, p.144-147), distintas ainda que normalmente quase que sincrônicas, são passíveis de erros e alterações, devidos a processos mentais variados, lapsos, hábitos, cansaço.

Independentemente de sua época, o papel do copista na transmissão textual deve ser observado com mais atenção. Normalmente o copista é o vilão da história: considera-se sua existência unicamente para reclamar com maior ou menor virulência de sua ignorância, sua intromissão, seus erros – é significativo como muita da atividade relativa ao preparo de uma edição crítica passe por uma busca quase policial dos erros do(s) copista(s) – e eventualmente sua excessiva memória, bem como o uso indevido da inteligência⁷.

É evidente que, sem os copistas, não haveria textos antigos – excetuando-se unicamente os originais autógrafos – nem, conseqüentemente, filólogos. Portanto o copista, mais do que um mero transmissor de informações parcialmente corretas e versões adulteradas e infiéis dos textos antigos, deve ser considerado como um sujeito ativo e fundamental na tradição textual; um sujeito com voz própria e que, por vezes, tem mais influência sobre determinados trechos do texto do que o mesmo autor. Sem esquecer que é o copista, ou de qualquer forma o diretor do laboratório, do *scriptorium*, quem decide qual texto será copiado, e logo terá mais chances de ser preservado e lido, enfim de sobreviver, e qual não será copiado, e, portanto, possivelmente acabe sendo esquecido, acabe ficando mudo. O copista é quem escreve materialmente o texto: o autor compôs; o copista escreveu, e é “il vero artefice dei testi che sono riusciti a sopravvivere” (CANFORA, 2002, p.15).

O texto Pierre Menard, autor do *Quixote* (1939) é um dos mais conhecidos de Borges; sua influência no pensamento brasileiro passa através da instigante, ainda que nesta altura já bem assimilada, leitura/apropriação de Silviano Santiago (2000, p.9-26). Interessa agora a reflexão, ainda que paradoxal, e portanto mais surpreendentemente adequada, de Borges relativamente à questão da cópia. Parece-me central o trecho em que Borges escreve:

No querias [Menard] componer outro Quijote – lo qual es fácil – sino *el Quijote*. Inútil agregar que no encaró nunca uma transcripción mecânica del original, no se proponía copiarlo. Su admirable ambición era producir unas páginas que coincidieran – palabra por palabra y línea por línea – com las de Miguel de Cervantes. [...] El método inicial que imaginó era relativamente sencillo [...] ser Miguel de Cervantes (BORGES, 1996, p.55-56).

Assim como a aparentemente absurda, mas, pelo contrário, fruto de uma lógica sutil, observação em que se diz: “A pesar de esos tres obstáculos, el fragmentario Quijote de Menard es más sutil que el de Cervantes. [...] El texto de Cervantes y el de Menard son verbalmente idénticos, pero el segundo casi infinitamente más rico” (BORGES, 1996, p.60-61).

A conclusão é de que o único verdadeiro leitor é quem copia o texto – como sabe quem já copiou algum manuscrito ou um texto que não podia ser reproduzido – e, ao mesmo tempo, que quem copia o texto acaba tornando-se também autor, ou co-autor daquilo que ele transcreveu (cf. CANFORA, 2002, p.18-19).

No que diz respeito aos textos mais antigos, as intervenções, as interpolações, as dificuldades mecânicas, a fragilidade do meio, a diversidade lingüística, as diferentes censuras, a casualidade que fez sobreviver um manuscrito e não outro talvez “melhor”, a arbitrariedade que levou a considerar melhor um códice ao invés de outro, enchentes, terremotos, incêndios, enfim a viagem de séculos e séculos pelos oceanos inexplorados de bibliotecas e mãos nem sempre zelosas produziram situações em que a obra que possuímos talvez esteja extremamente longínqua daquela que o autor quis escrever, apesar de todos os cuidados de amorosos exegetas. O que temos são as versões dos copistas.

4.1.2 Autor, autores

É curioso como, ainda no século XVIII, a uma censura bastante rigorosa e inequívoca e ontologicamente obtusa, e portanto avessa à livre existência e publicação de textos, corresponda a mais livre circulação dos textos no sentido de sua migração de um autor, e de um país, para outro. A noção de autoria ainda é algo muito flutuante, extremamente irregular, mutável a depender dos humores e das circunstâncias. Textos são atribuídos a vários autores, de vários países, em vários idiomas. A reconstituição da autoria legítima, ainda que em certos casos específicos devida e necessária, em muitos outros aparenta ser no fundo um exercício estéril levado adiante por um obcecado Sherlock Holmes das letras. Se Calvino escreve de uma enciclopédia aberta (portanto algo etimologicamente contraditório) como “totalità potenziale, congetturale, plurima” (CALVINO, 1994, p.127), podemos pensar numa autoria aberta e múltipla, em que as obras, como as almas dos amantes no V canto do Inferno dantesco, são empurradas por um vento incessante, num movimento infinito.

4.2 TOMÁS PINTO BRANDÃO E A CONTAMINAÇÃO BIOGRÁFICA

O *Pinto Renascido*, de Pinto Brandão, foi publicado em 1732 e teve várias edições em seguida, entre as quais a de 1753, de especial importância porque contém uma biografia de Tomás Pinto Brandão escrita por um “anônimo” e publicada dez anos após a morte do poeta, a *Vida Sucinta e Abreviada do Autor por Um dos Acadêmicos Aplicados, Seu Contemporâneo* (cf. PERES, 1971b, *passim*; PALMA-FERREIRA, 1976, p.8-9). É de fato uma coincidência notável, a de dois poetas tão afins por inspiração e até por acontecimentos biográficos terem

⁷ Por outro lado, já Gaston Paris, em 1872, propunha a substituição do termo “scribes” (copistas) pelo de “renoveleurs” (na tradução de Contini, *rimaneggiatori*), evidenciando a liberdade do copista da România, para o

tido também suas biografias escritas por autores, anônimos ou não, completamente desconhecidos. Acontecimentos biográficos que os viram juntos, na citada viagem de Portugal até a Bahia ou de qualquer forma atingiram ambos os poetas, como no caso do “degredo” para Angola, onde Pinto Brandão teria estado por alguns anos a partir de 1693 ou 1694 (cf. PERES, 1971b, p.217-18), e para onde Gregório teria seguido também em 1694.

Aliás, não existem documentos que relatem este degredo de Gregório, que nos é atestado unicamente pelo testemunho de Rabelo, do qual cito um pequeno trecho: “Chovendo maldiçoenz, e praguejando satyras peregrinou oz mares aquelle [Gregório], que por inztantes naufragava nas tempestadez da terra. [...] Chegado ao Reyno de Angolla, miseravel paradeiro de infelizes, a quem com a propriedade costumada chamou armazem de penna, e dor [...]” (MC, p.xliii-xxlvii).

Segundo Rabelo, o então governador D. João de Alencastro era grande apreciador dos poemas de Gregório – ele “a toda a deligência lhe enthesourava as obras desparcidas, fazendo as copiar por elegantes letras” (MC, xxxvi-xxxvii) – e por isso, para proteger o poeta da vingança de um desafeto, Alencastro teria resolvido mandar prender Gregório e despachá-lo para Angola, recomendando-o ao governador de lá. Faltam documentos sobre este curtíssimo degredo de Gregório – que em 1695 teria morrido em Pernambuco, segundo a cronologia elaborada por Peres (1983, p.96-98) – e que conseqüentemente teria estado em Angola juntamente com Pinto Brandão, o qual não menciona o fato em sua *Vida e Morte*. Com relação à cronologia, é de se lembrar que, em época de ventos favoráveis, a viagem da Bahia para Luanda demorava no mínimo 40 dias, e de Luanda para Recife um mínimo de 35 dias; sem contar que evidentemente, apesar de um razoável tráfico comercial entre Brasil e Angola (e da necessidade de os navios portugueses para Angola fazerem escala no Brasil), não devia haver extrema freqüência de transporte entre as duas colônias portuguesas (cf. ALENCASTRO, 2000, p.249).

Em geral o desterro de Gregório para Angola não tem sido questionado pelos estudiosos; pelo contrário, acredito possível que Gregório nunca tenha ido a Angola, e que tenha sido transferida para a sua biografia a viagem que na realidade foi de Pinto Brandão. Assim, os poemas sobre Angola seriam da autoria de Pinto Brandão – já que não resta dúvida de que há uma grande confusão com relação ao que é de autoria de Gregório e o que é do poeta português dentro do *corpus* gregoriano: vide o conhecido poema *Sátira ao Governo de Portugal, por Gregório de Matos, ressuscitado em Pernambuco no ano de 1713* (cf. BRANDÃO, 1976, p.155-70; JA II, p.1232-45). Os poemas relativos a Angola na maioria das vezes só têm referência geográfica explícita na didascália, como é o caso de “Hoje à força meu fado” (MATOS, 1991, p.1179), “Passar la vida, sin sentir que passa” (JA, 1180) e “Nesta turbulenta terra” (p.1183); este último, porém, contém referências à “etiópica gente” no corpo do texto (v.34)⁸. Angola é citada expressamente num único poema, “Angola é terra de pretos” (JA, 1181)⁹, rico em detalhes sobre os acontecimentos que causaram aqueles que Alencastro

qual o texto é “un prodotto adespoto, utile e infinitamente ritoccabile” (CONTINI, 1986, p.72).

⁸ Interessante a observação de Alencastro sobre a presença deste texto, reportado como de autor anônimo, em alguns manuscritos da BNL de Lisboa e também citado na *História geral das guerras angolanas* de Cadornega, morto em 1690. Gregório não poderia ter escrito em Angola este poema, considerando que ele teria ido para a colônia africana em 1694. Cf. Alencastro, 2000, p.351-52 e 465.

⁹ Excluem-se aqui as referências eventuais a Angola como lugar de desterro alheio, presentes nos poemas citados mais adiante.

(2000, p.314 ss) chama de “os tumultos dos jeribiteiros”; segundo a hipótese-provocação que aqui se expõe, o autor não foi Gregório e sim Pinto Brandão. Só existe um documento que atestaria a presença do poeta baiano em Angola: um *Registo do Perdão* de 9.11.1694, no qual é citado um Gregório Roiz (logo, Rodrigues) de Mattos, membro do Conselho da Câmara de Vereação de São Paulo de Assunção, ou Luanda (PERES, 1968, p.35; 2004, p.122); poderia ser o poeta, mas parece muito estranho que tenha sido errado o sobrenome de um dos assinantes de um documento oficial, assim como fica difícil entender como Gregório, desterrado, teria conseguido alcançar uma posição de prestígio na Colônia com tamanha rapidez.

Em vários poemas atribuídos ao próprio Gregório há explícitas referências a viagens indesejadas ou ao desterro para Angola: “vos meteis co amigo Baco / ele às vezes é velhaco, / dará convosco em Angola” (MATOS, 1991, p.329); “esperai pela pancada, / que com carocha pintada / de Angola há de ser Visrei”(p.35); “Para esta Angola enviado / vem por força do destino / um marinheiro ao divino / ou mariola sagrado” (p.237); e assim por diante. De uma forma mais geral, o desterro para um país longínquo e inóspito foi um *topos* literário e biográfico desde a antiguidade clássica e está presente até na biografia de Camões: na versão de Pedro Mariz, publicada na edição de *Os Lusíadas* de 1613, se relata que, “como algũs dizẽ”, Camões teria sido desterrado na Índia por causa de “por hũs amores” (MARIZ, 1613, f.5v). Enfim, o desterro para Angola parece ser um dos muitos *topoi*, ou melhor mitos, que compõem a biografia gregoriana, numa precisa linha de tradição da qual Rabelo se faz intérprete e reescritor.

Voltando à questão dos poemas de Gregório e de Pinto Brandão, há muitas coincidências textuais (e, o que na época era inevitável, temáticas e estilísticas) entre eles; poemas que, apesar de contidos no *corpus* de Gregório, poderiam de fato pertencer a Pinto Brandão. Alguns códices gregorianos incluem poemas de Pinto Brandão, como é o caso do BNRJ50,60; poemas de RBM (pequeno códice de 1762, publicado por PERES e LA REGINA em 2000) possivelmente devam ser atribuídos ao poeta português, como é o caso do inédito “He esta a quarta monção”, cuja didascália diz “A Thomas Pinto Brandam estando prezo pelo Governador Antonio Luiz Gonçalvez para o mandar para a Terra nova”.

Obviamente não estou sugerindo a identidade entre Gregório e Pinto Brandão, mas a transferência de acontecimentos da vida de Pinto Brandão para o relato da vida gregoriana. Inclusive, a *Vida Sucinta* foi publicada em 1753, ano muito próximo da data de redação da *Vida do doutor Gregório de Mattos* por Rabelo; novamente, não estou sugerindo a identidade dos dois biógrafos, mas apontando para a quase contemporaneidade, que deve ter levado inclusive à utilização de *topoi* parecidos, quando não idênticos, além de ter possibilitado algumas confusões, sobretudo no que diz respeito aos dados do poeta mais antigo.

Como escreveu Zumthor, “le texte bouge” (1981, p.12), e o movimento frenético dos textos de Gregório, ou a ele atribuídos, justifica plenamente a aplicação do conceito de *mouvance*, ou movência – como a chamou Celso Cunha (1985; cf. também STEGAGNO PICCHIO, 1997, e LA REGINA, 1999) – às obras deste poeta e dos seus contemporâneos. No caso das biografias de Gregório e Pinto Brandão, podemos falar de contaminação, só que por assim dizer biográfica, além daquela, bem mais comum, textual. Enfim, não importa, se não numa perspectiva documentária, *quem* foi a Angola e se realmente um poeta, ou os dois, ou nenhum dos dois foram à África. O que importa é remarcar a fluidez dos textos e das idéias, sua

circulação, seu movimento, sua generosidade, até, no mútuo empréstimo e na utilização conjunta, na “comunidade imaginada” das letras setecentistas em língua portuguesa (e não só portuguesa), quando a idéia de nação ainda estava por vir.

4.3 RABELOS

Possivelmente fosse um anacronismo (ainda que delicioso) atribuir a Rabelo, ou melhor, aos Rabelos – conforme vimos, um por cada exemplar existente da *Vida* – a intencionalidade de criar com a *Vida* de Gregório um texto paradoxal e transgressivo como o *Quixote* de Pierre Menard, na leitura de Silviano Santiago (2000, *passim*). Ainda assim, podemos ler na intencionalidade de sua obra um elemento fortemente inovador, que é a realização da biografia de um escritor americano, e não metropolitano (vide o título da *Vida* do códice BNRJ50,59: *Vida do grande poeta americano Gregório de Mattos Guerra*), através da utilização de um instrumento textual extremamente estilizado, como a biografia, e altamente permeado de referências clássicas e tradicionais.

Rabelo funda a biografia literária no Brasil, apropriando-se do modelo português e adequando-o quase que imperceptivelmente a um autor brasileiro: nada mudou na biografia, mas tudo é diferente e, como no caso do *Quixote* de Menard, “o segundo é quase infinitamente mais rico”...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALENCASTRO, Luiz Felipe. *O trato dos viventes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- AMADO, James. Notas à margem da editoração do texto – II in MATOS. *Obra Poética*, 1990, II, p.1279-1282.
- BARBOSA, Januário da Cunha. *Parnaso Brasileiro [...]*. 2 vols. Rio de Janeiro: Typ. Imperial e Nacional, 1829-1831. II, p.53-61.
- BARBOSA. Biografia dos brasileiros distintos por letras, armas, virtudes, etc.. in *Revista Trimestral de História e Geografia*. Rio de Janeiro: Cabral, III, n.9, abril de 1841, pp.333-337.
- BARTHES, Roland. *Miti d'oggi (Mythologies)*. Trad Lidia Lonzi. Torino: Einaudi, 1974.
- BLECUA, Alberto. *Manual de crítica textual*. Madrid: Castalia, 1983.
- BORGES, Jorge Luis. Pierre Menard, autor del *Quijote*. *Ficciones*. Buenos Aires: Emecé, 1996. p.47-65.
- BRANDÃO, Tomás Pinto. *Este é o bom governo de Portugal*. Ed. João Palma-Ferreira. Lisboa: Europa América, 1976.
- BRANDÃO. *Pinto renascido, empennado e desempennado: primeiro voo... / composto por Thomaz Pinto Brandam*. - Lisboa: Of. Pedro Ferreira, 1752
- CABRAL, Alfredo do Vale. Introdução. *Obras poéticas de Gregório de Mattos Guerra* precedidas pela vida do poeta pelo licenciado Manuel Pereira Rebello. Rio de Janeiro: Typografia Nacional, 1882. págs. V-LIII.

- CALMON, Pedro. *A vida espantosa de Gregório de Matos*. Rio de Janeiro: José Olympio / Brasília: INL, 1983.
- CALVINO, Italo. *Molteplicità. Lezioni americane*. Milano: Mondadori, 1994. p.113-135.
- CANFORA, Luciano. *Il copista come autore*. Palermo: Sellerio, 2002.
- CONTINI, Gianfranco. La “vita” francese “di Sant’Alessio” e l’arte di pubblicare i testi antichi. *Breviario di ecdotica*. Milano/Napoli: Ricciardi, 1986. p.67-97.
- CUNHA, Celso. A movência. *Significância e movência na poesia trovadoresca*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985. Págs. 35-41.
- CUNHA, Euclides da. Carta a Araripe Jr. *Obra completa*. 2 vols. Rio de Janeiro: Aguiar, 1966. II, p.626.
- DAIN, Alphonse. Il problema della copia. In STUSSI, Alfredo (org). *La critica del testo*. Bologna: Il Mulino, 1985. p.129-150.
- DAMASCENO, Darcy. Gregório de Matos: a transmissão textual. In MATOS, Gregório de. *Os melhores poemas*. Seleção de Darcy Damasceno. São Paulo: Global, 1985. p.7-12.
- ESPÍNOLA, Adriano. *As artes de enganar*. Um estudo das máscaras poéticas e biográfica de Gregório de Mattos. Rio de Janeiro: Topbook, 2000.
- HANSEN, João Adolfo. *A sátira e o engenho*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- LA REGINA, Silvia. Os códices de Gregório de Mattos. PERES, Fernando da Rocha e LA REGINA. *Um códice setecentista inédito de Gregório de Mattos*. Salvador: Edufba, 2000. p.33-53.
- LA REGINA. Gregório de Mattos e la *mouvance*. *Merope* XI, 27, giugno 1999, Pescara, Itália. págs. 139-146.
- LA REGINA. Per un'edizione critica di Gregório de Mattos. In *E vós, Tágides minhas*. Miscellanea in onore di Luciana Stegagno Picchio. Roma: Baroni, 1999. p.405-413
- LA REGINA. Os sonetos de Gregório de Mattos. Fernando da Rocha Peres (org). *Gregório de Mattos: o poeta renasce a cada ano*. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado/Centro de Estudos Baianos, 2000. Págs. 139-155.
- MAAS, Paul. *Critica del testo*. Firenze: Le Monnier, 1980.
- MANFIO, Diléa Zanotto. Manuscritos de Gregório de Mattos no Exterior. Fernando da Rocha Peres (org). *Gregório de Mattos: o poeta renasce a cada ano*. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado/Centro de Estudos Baianos, 2000. Págs. 35-44.
- MARIZ, Pedro. [Vida de Camões]. In *Os Lusíadas* do Grande Luis de Camoens. Príncipe da Poesia Heroica. [...] Em Lisboa. Por Pedro Crasbeeck. Anno 1613. ff. 4r-6v
- MATOS, Gregório de. *Obras Poéticas*. ed. Valle Cabral. Rio de Janeiro: Tip.Nacional, 1882.
- MATOS. *Obras de Gregório de Matos*. dir. de Afrânio Peixoto. 6 vols. Rio de Janeiro: Publicações da Academia Brasileira, 1923-1933 (Sacra, I, 1929; Lírica, II, 1923; Graciosa, III, 1930; Sátírica, IV e V, 1930; Última, VI, 1933).
- MATOS. *Obras completas de Gregório de Matos*. Crônica do viver baiano seiscentista. Ed.James Amado. 7 vols. Salvador: Janaína, 1968.
- MATOS. *Obra Poética*. Ed James Amado. Notas de E. Araújo. 2 vols. 2ª edição. Rio de Janeiro: Record, 1990 (JA).
- PALMA-FERREIRA, João. Prefácio. In BRANDÃO, Tomás Pinto. *Este é o bom governo de Portugal*. Prefácio, leitura de textos e notas por João Palma-Ferreira. Lisboa: Europa América, 1976. p.5-18.

- PERES, Fernando da Rocha. Gregório de Mattos e Guerra em Angola. *Afro-Ásia* 6-7, jun-dez 1968. págs. 17-40.
- PERES. Gregório de Mattos: os códices em Portugal. *Revista Brasileira de Cultura*, 9, 1971a, págs. 105-114.
- PERES. O Pinto novamente renascido. *Universitas*. Revista de Cultura da Universidade Federal da Bahia. N.8/9, janeiro/agosto 1971b. Págs. 215-249.
- PERES. De novo o Pinto Renascido. *Universitas*. Revista de Cultura da Universidade Federal da Bahia. N.30, maio/agosto 1982. Págs. 49-58.
- PERES. *Gregório de Mattos e Guerra: uma re-visão biográfica*. Salvador: Macunaima, 1983.
- PERES (org). *Gregório de Mattos: o poeta renasce a cada ano*. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado/Centro de Estudos Baianos, 2000.
- PERES e LA REGINA. *Um códice setecentista inédito de Gregório de Mattos*. Salvador: Edufba, 2000.
- PERES. *Gregório de Mattos: o poeta devorador*. Rio de Janeiro: Manati, 2004.
- ROMERO, Sílvia. *História da literatura brasileira*. 5 vols. 3ª. ed. Rio de Janeiro: José Olympio 1953.
- SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino-americano. *Uma literatura nos trópicos*. Ensaios sobre dependência cultural. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. p.9-26.
- SILVA, Inocêncio F.da. *Dicionário bibliográfico português*. 22 vols. Lisboa: Imprensa Nacional, 1858-1923.
- SPAGGIARI, Barbara. A obra lírica de Camões e seus problemas. in SPAGGIARI; PINILLA, Antonio Sabio; AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de. *O renascimento italiano e a poesia lírica de Camões*. Niterói: UDUFF/ Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1992. pp. 27-35.
- STEGAGNO PICCHIO, Luciana. Biografia e autobiografia: due studi in margine alle biografie camoniane. *Quaderni Portoghesi* 7-8, 1980, p. 21-111.
- STEGAGNO PICCHIO. Camões/Petrarca: studio di varianti, in *Petrarca, Verona e l'Europa, Studi sul Petrarca* – 26, Padova: Antenore, 1997, pp.435-456.
- STEGAGNO PICCHIO. Il mito di Camões. In *Civiltà letteraria dei paesi di espressione portoghese*. 4 vols. Firenze: Passigli, 2001. I vol: Il Portogallo dalle origini al Seicento. p.497-507.
- TOPA, Francisco. *O mapa do labirinto*. Inventário testemunhal da poesia atribuída a Gregório de Mattos. 2 vols. Rio de Janeiro: Imago/Salvador, Secretaria da Cultura e Turismo, 2001.
- VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Florilégio da poesia brasileira* [...]. 3 vols. Rio de Janeiro: Publicações da Academia Brasileira, 1987 (I ed. Lisboa, Imprensa Nacional 1850-1853).
- VERÍSSIMO, José. *História da literatura brasileira*. 4ª. ed. Brasília: Editora da UnB, 1981.
- ZUMTHOR, Paul. Intertextualité et mouvance. *Littérature*, 41, fév. 1981, págs. 8-16.